

Contextos Contemporâneos da Prática. Questionamentos e propostas Críticas do Serviço Social (*)

Pistas para uma prática do Serviço Social a nível internacional

Abstract

This article put in discussion the contexts of practice in a scenario of globalization. The process of globalization is itself un context macro de intervention because ittssquare the level micro and meso of practice in Social Work..Based on the concepts of two author's en Social work, Marilda Iamamoto e Lena Dominelli, this article put in discussion herideas about this issue and identify the challenges that Social Work face in ourdays. In this picture are identified perspectives of emancipator Social work and defense of citizenship of the individuals that search the Social Work professionals in a context of a great technologically change on the social services that put in question the relational and interactive nature of Social Work. In this vision appear a amount of propositions of the authors with the purpose to get back empowermentand citizenship to the clients of Social Work:

Resumo

Este artigo coloca em debate os contextos da prática num cenário de globalização. O próprio processo da globalização é considerado um contexto macro na medida em que marca o que se passa aos níveis micro e meso. Trabalhando sobre a conceptualização de duas autoras do Serviço Social Crítico, Marildalamamoto e Lena Dominelli, expõem-se as ideias que atravessam o seu pensamento a propósito do tema e explanam-se problemas e desafios que o Serviço social enfrenta nos nossos dias. Neste quadro identificam-se perspectivas emancipatórias e de defesa da cidadania dos cidadãos que recorrem ao Serviço Social, num quadro organizacional em mutação tecnológica e empresarial que questiona a tradição histórica do Serviço social enquanto profissão relacional e interactiva. Nesta visão equacionam-se um conjunto de propostas das autoras em análise, no sentido de devolver cidadania e participação aos clientes do Serviço Social.

Este artigo resulta do desenvolvimento do conteúdo de uma aula aberta dada no contexto do Mestrado Serviço Social Política Social do ano lectivo 2011/2012, na unidade curricular de Questões Epistemológicas em Serviço Social, onde abordámos alguns temas do Serviço Social pertinentes tanto para a compreensão teórica, como para a prática profissional do Serviço Social. Assim, o binário teoria /prática, formulado de forma articulada contribui para uma compreensão mais fecunda desta área.

Nessa aula foram tratados temas que consideramos de grande importância para o Serviço Social cujo conteúdo foram baseados na nossa própria reflexão, como no pensamento de duas autoras críticas do Serviço Social e nossas contemporâneas: Lena Dominelli, que investiga trabalha e produz no Reino Unido, na Durhan University; Marilda Iamamoto, brasileira, professora da UFRJ- Universidade federal do Rio de Janeiro.

Estas duas autoras têm uma produção teórica relevante expressa em numerosas obras de Serviço Social abrangendo temas diversos desde a Génese do Serviço Social, os problemas da contemporaneidade e o Serviço Social, a globalização seus efeitos, a política social e seus desafios, e obras que suportam uma base do Serviço Social Crítico

(*) Maria José Queiroz, Professora de Serviço Social da ULHT, Investigadora do CPHITS e do CPES.

abordando práticas antiopressivas, antirracistas, feministas (Dominelli, 2004, 2010, etc.) e teorizações sobre o Serviço social numa perspectiva crítico-dialética (Marilda Iamamoto (2001, 2012). (Marilda Iamamoto adota a teoria social de Marx. Dominelli defende uma perspectiva de prática e de investigação emancipadora que pretende lutar contra estruturas e processos opressivos que favorecem os grupos mais poderosos).

Algumas das preocupações centrais em assistentes sociais críticos, presentes nos livros destas duas autoras, são a *compreensão dos contextos da prática*. Estes contextos passam pelas realidades e processos macro, dinâmicas económico-políticas, culturais e orientações globais de política social e da organização do trabalho; pelos contextos meso: processos e dinâmicas de produção e reprodução social, tendências da política social e problemas sociais nacionais e locais; e contextos micro, que focam o que se passa na relação assistente social/utente (problemas e relação e poder, experiências e sensibilidades dos utentes e populações, nas suas componentes de cultura, trabalho, território, classe social, género, condição de cidadania, entre outras).

Autoras críticas como Iamamoto (2001) e Dominelli (2004), embora situadas em quadros teóricos significativamente diferentes, consideram como um dos principais condicionantes e contexto macro da prática, na actualidade, a **globalização**. E sobre este processo empreendem a compreensão do que ele é e de que modo atinge o trabalhador social, seus utentes, políticas sociais e processos organizacionais dos serviços empregadores dos assistentes sociais.

Dominelli mais recentemente (2010) coloca em debate ainda o contexto internacional apontando pistas para uma perspetivação da prática tendo em conta esse contexto.

Segundo Iamamoto o actual quadro sócio histórico não pode ser considerado apenas como um quadro de fundo da actividade profissional mas atravessa e afecta profundamente essa actividade, interferindo nas suas condições de trabalho e nas condições de vida da população utente.

De acordo com as autoras referidas, a globalização afecta a prática pelos graves problemas sociais que têm acarretado, como pelas profundas alterações no modo de regulação social das sociedades contemporâneas. A crise do welfare state, acentuada em contexto de globalização, tem tido como consequências a redução da universalidade dos serviços sociais, a privatização, a focalização e a selectividade das políticas sociais e estas mudanças tem consequências para os clientes/utentes do Serviço Social.

Outro efeito da globalização é a transposição do modelo de gestão empresarial para o funcionamento dos serviços sociais, burocratizando-os, reduzindo os seus recursos humanos e introduzindo critérios de avaliação rígidos e imperativos - a new accountability - que faz com que os assistentes sociais dediquem parte do seu trabalho a

tarefas estatísticas e organizativas retirando-lhes disponibilidade para a dimensão do cuidar, característica central e histórica da profissão.

A globalização penetrou o dia-a-dia dos cidadãos e dos profissionais, reformulando as experiências das pessoas pela normalização global capitalista. O serviço social neste processo tem sido marcado pelos actores envolvidos aos níveis meso e micro da prática enquanto as forças macro que emanam das dinâmicas da globalização estão a reorientar a agenda da prática. A globalização tem vindo a alterar o processo de trabalho na prática profissional transportando para dentro dos serviços sociais os métodos da produção industrial

A globalização mudou a natureza das relações sociais. O processo foi acompanhado pela internacionalização do Estado, reduzido o seu grau de autonomia nacional, tendo-o tornado instrumento de produção dos ajustamentos estruturais considerados indispensáveis ao processo de competição a nível mundial, tornando ainda a força do trabalho mais flexível, o trabalho mais precário e o desemprego um problema estrutural, ou seja um instrumento de regulação da produção de mais-valia a nível internacional. Todos estes processos provocam o agravamento da pobreza, da exclusão social e aprofundam as desigualdades entre ricos e pobres.

Neste quadro, a ideologia do mercado suplantou a ideologia da solidariedade e a justiça social.

A globalização promoveu a internacionalização dos problemas sociais. O aumento da pobreza, no mesmo país e entre países; a transposição dos problemas sociais duns países para outros, de uma parte do planeta para a outra, o crescimento do movimento migratório...

Estas realidades desafiam a natureza local do Serviço Social e levam os profissionais a pensarem nas dimensões internacionais do seu trabalho e agirem através das fronteiras perspectivando estratégias transnacionais.

Na medida em que as políticas económicas, financeiras e sociais são definidas pelas grandes empresas e agências mundiais, tendo repercussões locais, regionais e planetárias, então não só os trabalhadores e os seus movimentos e organizações necessitam agir articulando estes três contextos, como os assistentes sociais precisam estar atentos, analisando e intervindo tanto quanto possível nestas dinâmicas, também através das suas organizações e movimentos.

A globalização tanto privilegiou o crescimento dos países industrializados, como provocou uma série de crises nos países com um desenvolvimento económico mais incipiente e dependente. A globalização iniciou uma série de situações de risco, ambientais, financeiros, demográficas e políticos que provocaram efeitos devastadores nos países e populações mais pobres.

A globalização criando desigualdades entre o Norte e o Sul provocou problemas nomeadamente através de:

- Movimentos migratórios como resposta à degradação ambiental, exclusão económica e violência;
- Mudanças tecnológicas que provocaram novas formas de exclusão, a exclusão digital;
- O crescimento da população assim como o rápido envelhecimento, sobretudo dos países ocidentais;
- O crescimento urbano e a degradação urbana acompanhada das disparidades urbano rurais.

Um outro tema denunciado e tratado pelos profissionais críticos é o do agravamento, neste cenário, da dimensão controladora e punitiva da política social.

Dominelli (2004), fala do *Punitive Welfarisme*, ao referir-se ao espírito controlador de uma diversidade de medidas políticas baseadas no pressuposto que os beneficiários utilizam os fundos públicos em seu benefício sem deles quererem abdicar. Mas os estudos sobre este tema, referidos pela autora, demonstram que a maioria dos beneficiários prefeririam ter um emprego por valorizarem a dignidade do trabalho sobre o estigma de pertencerem ao sistema da assistência social.

Dentro das perspectivas críticas e nomeadamente as que perpassam as propostas destas autoras, a questão da **contextualização da prática**, está sempre presente como imperativo de compreensão do que está em jogo aos diferentes níveis macro, meso e micro – e nas diferentes dimensões: tanto dos processos políticos, como culturais, pessoas.

Segundo Iamamoto (2012: 160) ”...É na tensão entre a reprodução das desigualdades e a produção da rebeldia e resistência que actuam os assistentes sociais, situados em um terreno movido por interesses sociais distintos e antagónicos, os quais não são possíveis de eliminar, ou deles fugir porque tecem a vida em sociedade. Os assistentes sociais trabalham com as dimensões da questão social tal como se expressam na vida dos indivíduos sociais, a partir das políticas sociais e das formas de organização da sociedade civil”. Por isso, segundo a autora, é necessário compreender as novas mediações através das quais se expressa a questão social, para perceber as manifestações actuais das desigualdades sociais, como para antecipar formas de resistência e de defesa da vida.

Formas de resistência que já estão presentes no quotidiano dos grupos que dependem do trabalho como um meio de sobrevivência. Assim é necessário captar essas formas de sobreviver resistindo á opressão recriando movimento social que é resistência ao imperialismo das formas de opressão no quotidiano das populações na contemporaneidade (Iamamoto,2012).

A contextualização, na perspectiva crítica e quando se trata do nível microda prática, significa também **proximidade com as pessoas, seus problemas e aspirações**.

Assim, Jamamoto (2001), quando refere que para agir profissionalmente é necessário compreender as manifestações da questão social contemporânea, os níveis dessa compreensão, para além dos contornos das mudanças no modo de produção social – hegemonia do capital financeiro, aliança com o capital industrial, novos padrões de acumulação e de gestão do trabalho, etc., - passam, igualmente, pela necessidade de apreender como os sujeitos vivem as manifestações da questão social.

Essa apreensão exige perceber as condições de vida mas também as expectativas, necessidades sentidas, aspirações, modos de sobrevivência e resistência.

Esta compreensão segundo a autora, permite o rompimento com *a relação tutelar e de estranhamento* com a população.

Dominelli (2004), por sua vez, diz que o Serviço Social poderia ser definido como uma prática de envolvimento com as pessoas no sentido de estas relatarem as suas histórias de vida em relação com os problemas particulares que enfrentam. Esta base interactiva faz do Serviço Social uma profissão relacional.

Trabalhadores sociais e clientes tornam-se participantes na elaboração de outras narrativas a partir das quais se abrem novas possibilidades de acção. Aqui se encontra uma perspectiva presente em algumas abordagens do Serviço Social crítico que defendem a importância da linguagem na acção profissional, como as construtivistas (Patrick e O'Byrne, 2000).

Nas suas propostas para os profissionais de Serviço Social Jamamoto (idem, ibidem), acentua a necessidade de analisar e acompanhar o tempo presente para dele ser contemporâneo. Acompanhar todos os processos que vêm alterando o quadro de trabalho do assistente social e de certa forma o vai ameaçando como profissão específica com uma identidade própria sedimentada na sua própria história, apesar da diversidade das suas propostas.

Fenómenos como a polivalência, a subcontratação, o desemprego, a precarização da relação salarial devem ser compreendidos como componentes do trabalho assalariado.

Propostas

Perante estas alterações na sociedade e na profissão que propostas temos:

Como remar em contracorrente, pergunta Yamamoto (2001)?

- Todo este caminho requisita um profissional culto, atento às possibilidades do mundo contemporâneo, possibilidades que estão muitas vezes contidas na realidade, mas que não são imediatamente percebidas; capaz de formular propostas de política social e de

[Escrever texto]

organização das forças da sociedade civil. E que em primeiro lugar defende os princípios éticos da profissão: a liberdade, tanto quanto desenvolve o trabalho para a plena expansão dos indivíduos, para a defesa dos seus direitos civis políticos e sociais, e se empenha na luta contra todas as formas de preconceitos (idem, ibidem);

- Uma aproximação através da pesquisa às condições concretas de vida dos indivíduos e populações que permita captar necessidades e interesses, expectativas, trajetórias de vida, assim como formas de resistência, sobrevivência e luta pela defesa da cidadania conquistada e pela ampliação se possível dessa cidadania, passando pela defesa da esfera pública (idem, ibidem).

- Um horizonte necessário consiste em incorporar a pesquisa como actividade constitutiva do trabalho profissional, acumulando dados sobre as múltiplas manifestações da questão social, campo em que incide o trabalho social. E ainda que as propostas de trabalho sejam fundamentadas em números e sejam negociadas pelos profissionais baseados em fundamentações pertinentes e convincentes. A pesquisa é ainda um recurso importante para a avaliação das políticas sociais, sua incidência e impacto.

- Um profissional que procure ainda ampliar a base de legitimidade do Serviço social junto da população utente, como junto aos empregadores e sociedade;

- Afirmação de um perfil profissional prepositivo que não se limite à aplicação das políticas, mas a formular propostas a partir de debates interprofissionais que façam emergir tais propostas (idem, ibidem).

- Tornar os espaços de trabalho profissional espaços públicos, alargando os canais de interferência da população na coisa pública, permitindo um maior controle dos temas públicos: Isto é possibilitado pela socialização dos conhecimentos, divulgação dos direitos e dos interesses em jogo;

- Orientar o trabalho profissional neste caminho exige um assistente social culto e atento às possibilidades existentes na vida quotidiana, capaz de formular e recriar propostas ao nível da política social e da organização das forças da sociedade civil.

- Um profissional informado e reflexivo que aposte no protagonismo dos sujeitos sociais, que portanto intencionalize a sua acção na busca desse protagonismo.

- Mas também um profissional competente do ponto de vista técnico e operativo, capaz de desencadear acções profissionais a nível da assessoria, planeamento, negociação, mediação, pesquisa e intervenção directa, estimulando a participação na formação dos utentes e populações.

Este perfil exige uma competência crítica “que supere tanto o tecnicismo estéril, o pragmatismo, quanto o militantismo” (2001: 22).

Este profissional realiza um trabalho que cuida da qualidade dos serviços prestados e da abrangência do seu acesso, o que implica a divulgação dos direitos e forma de lhes

aceder. O assistente social possui um relativo poder de influência na formulação de critérios técnicos- sociais que regem o acesso dos utentes aos serviços. Assim ele deve multiplicar esforços de forma a assegurar a universalidade ao acesso, ou a ampliação da sua abrangência, resistindo tanto quanto possível à imposição de critérios de selectividade.

A afirmação de um perfil de profissional prepositivo requer um profissional actualizado, comprometido com uma formação permanente, capaz de acompanhar as mudanças, num cenário social em que tudo o que é sólido se desfaz no ar. Profissional que igualmente seja um pesquisador que invista em sua formação intelectual e cultural e acompanhe os fenómenos sociais no seu devir histórico- conjuntural para deles extrair propostas actuais, que sejam alternativas profissionais.

Pelo facto do seu trabalho se inscrever em relações de poder, o trabalho do assistente social é atravessado por uma dimensão política, não política - partidária. A face visível dessas relações são as desigualdades expressas nas diversas formas de exploração. O campo de trabalho do assistente social é um cenário de manifestações das desigualdades que ele não deve considerar como naturais, mas como o resultado dessas relações sociais desiguais. Dar visibilidade às desigualdades sociais é uma forma de exercer a dimensão política do seu trabalho.

O mesmo se passa quando ele cria alianças com forças sociais que procuram o progresso e desenvolvimento dos grupos sociais mais fragilizados no cenário social.

Hoje vivemos um paradoxo. Estamos num estado de direito mas num contexto onde os direitos e garantias são cada vez menos reconhecidos e legitimados, colocando à margem grupos sociais que não conseguem por meios próprios aceder à sua cidadania. Neste quadro colocam-se grandes desafios ao Serviço Social de consolidação de um projecto profissional direccionado aos mais vulneráveis no processo social (Antunes, 2012)

Por sua vez, Dominelli (2010) refere que o comprometimento com os temas da cidadania, dos direitos humanos e da justiça social estabelece uma continuidade histórica entre o passado, o presente e o futuro do Serviço Social, reforçando a aspiração da profissão por uma prática relevante e efectiva capaz de responder às necessidades das pessoas.

A educação e o treino dos profissionais é uma importante dimensão no processo de desenvolvimento de novas teorias e formas de prática, tendo também em conta as dimensões da internacionalização do Serviço Social. Dominelli desafia o Serviço Social a ser uma disciplina reconhecida em todo o mundo capaz de ter um relevante papel nas arenas política tanto ao nível local, como nacional, como internacional. Facilitar uma mudança emancipatória, envolvendo a profissão como um todo no processo contemporâneo aos níveis tanto individuais como colectivos é um desiderato da profissão.

Segundo a autora esta agenda passa por:

- Dirigir-se às estruturas e às dimensões pessoais da opressão;
- Contextualizar as intervenções cultural, social;
- Reclamar um conhecimento das especificidades locais;
- Desenvolver trabalho multidisciplinar e interdisciplinar em parceria com muitos stakeholders;
- Promoção de relações sociais igualitárias;
- Mobilizar profissionais e comunidade individual e colectivamente.

8

Defendendo uma perspectiva internacional, Dominelli (2010) assume os seguintes desafios:

- Assumir a pesquisa para provar a evidência para as práticas e para o desenvolvimento de paradigmas da prática existentes;
- Explorar tanto os aspectos comuns como as diferenças entre os vários grupos quando se trabalha para resolver problemas sociais
- Aprender da diversidade existente na prática do Serviço Social através do mundo; trazer práticas marginalizadas para o mainstream.

Segundo Dominelli (2010), esta agenda para a acção baseia-se naquilo a que a autora chama as políticas da prática, através das quais os assistentes sociais se comprometem com outros em actividades que mudem as relações inigualitárias existentes. Estas políticas da prática envolvem os 3 Rs: reconhecimento; representação e redistribuição de recursos. O reconhecimento foca-se nas forças e capacidades que existem nas pessoas com as quais os assistentes sociais actuam; a representação consiste em ajudar os indivíduos e as comunidades a apresentar os seus pontos de vista e aspirações aos políticos e aos decision makers. A redistribuição dos recursos pretende assegurar que a grandeza da terra seja distribuída equitativamente a toda a população do mundo

Serviço Social Internacional

O serviço social desenvolveu-se na modernidade em contexto de um estado-nação. Hoje no mundo há cerca de 300 escolas de Serviço Social e cerca de um milhão e meio de profissionais espalhados por cerca de 84 países (Dominelli, 2010).

Neste momento a profissão atingiu um nível global o que não significa uma actividade unitária que trabalha da mesma maneira em todos os países. Nas sociedades ocidentais atravessadas por divisões sociais, de raça, de género, deficiência, idade, doença e pobreza, é urgente lidar-se com as causalidades que provocam a fragilidade dos

[Escrever texto]

indivíduos, assim como responder às necessidades dos grupos mais vulneráveis, aumentadas pela doença, por fracturas familiares, recursos insuficientes e cenários de violência e crime.

As migrações são outro problema vivido nestas sociedades com a falta de cidadania que grande parte dos imigrantes vive nos territórios de chegada. A diversidade e a heterogeneidade do Serviço social como uma profissão global são ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza. A profissão necessita dos meios para conseguir o empowerment, tanto no domínio local como global. Isto torna-se uma tarefa difícil porque requer uma abordagem do mundo e das posições dos grupos sociais em presença. Há muitos níveis da realidade que requerem atenção para uma resposta tanto específica a nível local, como global, sem oprimir os que estão envolvidos nessas interacções.

Há uma diversidade de organizações que operam a nível global. A maior parte são ONG tão diversas na sua localização geográfica, como nas suas funções e membros que as constituem. Algumas trabalham em rede. Muitas agem internacionalmente em alturas de catástrofes ou de guerras e, enquanto muitas são bem vistas por aqueles que beneficiem, outras levantam questões pelo modo como funcionam não respeitar as especificidades locais. Nestas situações os assistentes sociais tem um importante papel a desempenhar precisamente por não serem parte de uma força colonizadora, podem dar o seu contributo para que se criem parcerias igualitárias e democráticas entre as forças internacionais e as forças locais.

O Serviço Social ao longo da sua história tanto se envolveu em práticas individualizadas e de adaptação das pessoas, como se demarcou por prosseguir objectivos nas esferas da educação e da capacitação das pessoas. Assim, desde os métodos herdados da COS-Sociedade da Caridade Organizada, também outros métodos foram experienciados por profissionais como Octávia Hill, inglesa, Jane Adams, norte-americana e Alice Solomon, esta alemã. Estas profissionais trabalhavam com os grupos para aumentar a sua consciência e autonomia e equacionavam tanto as mudanças individuais como as alterações mais estruturais (Dominelli, 2020).

A acção internacional para lidar com problemas como a pobreza, movimentos migratórios e doenças contagiosas e a mobilização de recursos locais tem envolvido trabalhadores sociais e as suas organizações e governos para mudar políticas e desenvolver práticas que reflectam melhor os pontos de vista e as sensibilidades das populações no terreno. Os objectivos de desenvolvimento do milénio foram outras políticas das Nações Unidas que requisitaram um intenso envolvimento de assistentes sociais de todo o mundo

Sem entrar muito em detalhe na reflexão de Dominelli sobre Serviço Social Internacional (2010), esta autora considera que mais do que uma linha de trabalho que se possa designar assim, o que existe é um aproveitamento de oportunidades para os profissionais trabalharem em networking e empreenderem o diálogo sobre as práticas que podem ser confrontadas em relação a determinados problemas e necessidades. Estes

[Escrever texto]

diálogos podem levar assistentes sociais de todas as partes do mundo a encontrarem pontos de acordo, o que é interessante do ponto de vista da identidade profissional.

Algumas reflexões finais

Analisámos aqui a importância que assistentes sociais críticos dão à contextualização da prática. A intervenção que não considera os contextos macros, micro e meso, é uma prática desenraizada pois não situa os problemas na totalidade complexa em que eles se inserem.

Desde sempre, mesmo o serviço social mais convencional, ou situa os problemas na relação das pessoas com o seu meio ambiente ou na pessoa inserida numa família ou numa comunidade de pertença e de vida. O serviço Social crítico alarga essa base de reflexão às estruturas económicas, políticas e sociais nas quais os problemas se inscrevem.

Dão assim um enfoque político à prática inscrevendo-a na estrutura das relações sociais e não a isolando desses contextos.

Deste modo contextualizado, a prática ganha um sentido global, não redutível ao mero problema concreto que se evidencia perante o profissional. Este, nesta perspectiva mais ampla, reflecte e dá sentido aos conhecimentos apreendidos na sua formação e não se remete a aplicar uma técnica ou um padrão de procedimentos.

A prática assim equacionada configura uma profissão com uma identidade em que o conhecimento do social do político do económico e do cultural constituem elementos necessariamente reflectidos e agidos nas situações concretas de trabalho.

As propostas para ultrapassar as iniquidades e desigualdades presentes nos actores sociais passam pela leitura e desconstrução do estado de coisas, envolvendo os sujeitos/cidadãos implicados, criando movimentos e dinâmicas sociais de resistência e defesa da cidadania em perda. Afirmar uma luta contra as desigualdades gritantes, desmontar o imperialismo das propostas neoliberais, articular os movimentos e grupos de profissionais apesar dos seus diferentes projectos societários, abrir um amplo debate e organização na categoria, criar fóruns públicos de debate e plataformas de acção, são propostas que se desenham com vista à crise actual e ao desmonte e combate às diferentes manifestações de desigualdade que se perfilam no cenário social, na actualidade.

Bibliografia

[Escrever texto]

DOMINELLI (2004) *Social Work, Theory and Practice for a Changing Profession*, Polity Press;

DOMINELLI (2010) *Social Work in a Globalizing World*, Polity Press;

IAMAMOTO (2001) *O Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalho e Formação Profissional*, São Paulo, Cortez;

IAMAMOTO (2012) *Serviço Social em tempo de Capital Fetiche. Capital financeiro, Trabalho e Questão Social*, São Paulo, Cortez;

PARTON e O`BIRNE (2000) *Constructive Social Work, Towards a New Practice*, Palgrave;

ANTUNES (2012) ” A produção Teórica Brasileira sobre os Fundamentos do Trabalho do Assistente Social” trabalho apresentado para provas da unidade *curricular Questões Epistemológicas em Serviço Social*, ULHT